

3ª PARTE

Poesia

A Coruja

Tem voo brando, impressentido, num cair de asas leves,
como num sopro de morte. De repente, dá-se conta de sua
presença, das asas de pluma sem ruído.

A coruja, avejão da noite morta,
é mancha clara contra os céus escuros;
seu canto estranho, que as mortalhas corta,
só desperta pavores e esconjuros.

Pousada entanto na árvore ou na porta,
não lembra duendes trágicos e obscuros:
é uma ave, apenas, a quem não importa
a predição fatal de maus futuros.

É uma ave, sim, mas ave, todavia,
de raro sortilégio, que extasia,
quando voeja pelos céus escampos.

É real, mas densa de mistério, em suma,
de voo impressentido, asas de pluma,
como num conto de Moreira Campos...

50 anos

Foram-se os dias de fruir, sorrindo,
o que se esvai, perdido na distância:
o anteontem que hoje nos parece lindo,
e que se chama simplesmente infância.
É natural que ao tempo se desmontem
os castelos azuis da mocidade;
voaram também os devaneios de ontem,
transformando lembranças em saudade.
Chegou o momento da colheita. Agora,
colhe-se a messe de ouro ou o grão obscuro:
foram-se os tempos de sonhar. É a hora
em que pouco nos resta de futuro.

Hora de olhar, alegre ou tristemente,
para o sol que descamba no poente...